

# A COMUNA

SEMÁRIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

N.º 30 (120) — 7-10-923

PREÇO 20 — AFRICA 25 — ESTRANGEIRO 40

Redactor principal:  
António Teixeira  
Editor:  
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA  
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO  
CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:  
José Rodrigues Reboredo  
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

## Processos políticos...

Sendo a política a *Arte de enganar os povos*, e vivendo, os políticos, como os gatos, de caçar ratos, não nos admiramos com as declarações do sr. José Carlos Rates, a propósito da designação que o seu partido resolveu dar a duas chafaricas, chafaricas a que, imprópria-mente, chama *Comunas*.

O confucionismo é o grande argumento de que lançam mão todos os politiquinhos para satisfazerem os seus interesses e as suas ambições pessoais. Confucionismo e política são uma e mesma coisa; e, pretender separá-los, é tarefa muito difícil que nunca levará ninguém a resultados satisfatórios.

Conclui-se de aí que, quanto mais o político confundir as coisas, tanto mais probabilidades terá de levar a água ao seu moinho. E, neste ponto, os «nos- sos» comunistas de escada, ou de Estado, sobreelevam todos os políticos que, antes deles, assentaram arraiais neste belo torrão à beira mar *prantado*.

Partindo, pois, desta «lei imutável», os comunistas-autoritários (os tais comunistas de escada, ou de Estado), baptisaram, com os nomes de Reclus e Neno Vasco, duas das suas chafaricas, que, provavelmente, serão transformadas em esquadras de polícia, após o triunfo da tam-reclamada revolução bolhevista, ou marxista, para amenizar o termo.

Reclus e Neno Vasco foram duas criaturas, que, em vida, defenderam com todo o seu entusiasmo e com todo o poder da sua inteligência, o comunismo-anarquista, deixando-nos, sobre essa ideia, muitíssimos trabalhos dum valor inestimável, trabalhos esses que são conhecidos de todo o mundo culto.

Combatendo audaciosamente a autoridade e o Estado, a di-

tadura e o império da força, o militarismo e todas as instituições que formam as células vivas do bando que se arroga o papel de governante das populações, esses dois indivíduos, que tiveram uma vida exemplar, que demonstraram, até aos mais scépticos, o verdadeiro puritanismo nas ideias, nos pensamentos e nas doutrinas, não podem nem devem ser confundidos com os vulgares politiquinhos de que, infelizmente, está o mundo cheio.

A sua oposição a todas as tendências e a todos os desvios do campo anarquista, foi bem manifesta. Eles não podiam admitir *evoluções regressivas* como aquelas que nos pregam os trãnsfugas que vêm na ditadura — na suprema ditadura — a felicidade do género humano. Todos os esforços deles tendiam para o triunfo definitivo da ideia anarquista. E a atestá-lo, aí estão, como dissemos, as suas inúmeras publicações e brochuras, os seus inúmeros artigos de jornais e revistas.

Apóstolos sinceros e convictos da superioridade do comunismo anarquista sobre todas as outras fórmulas de sociedade, só ao confucionismo-político se pode atribuir a colocação do nome deles como taboleta de duas chafaricas autoritárias. Porque, digam lá o que disserem em contrário, o comunismo que propagandeiam os admiradores do bolxevismo russo e da ditadura lenínica, e trozkiiana tem a sua principal base na autoridade elevada ao infinito. E a prova do que afirmamos, é muito fácil de encontrar.

O Estado organizado, impõe-se a todos os súbditos ou cidadãos. E a imposição estatal se não for acompanhada dum força militar ou militarizada, não tem o mínimo valor: ninguém quer saber dela. De modo que, quando se funda um Esta-

do, a principal preocupação dos seus fundadores, é dotá-lo dos meios coercitivos, dos esteios basilares que obriguem os indivíduos a aceitar as leis, os decretos e as portarias que esse mesmo Estado *haja por bem* promulgar, não em benefício de todos, mas unicamente para satisfação das suas clientelas.

Estado sem autoridade não existe, nem poderá existir, a não ser na cabeça dos pobres habitantes dos manicómios! Mas esses, coitados, bem lhes basta a sua doença!... O Estado pressupõe, logo, a formação dum governo e dos respectivos órgãos que o apoiam e que o amparam. E este apoio, e este amparo não se podem exercer sem o concurso violento da autoridade organizada.

Por exemplo: se um cidadão infringir uma lei, ou um decreto, ou uma portaria dum Estado, como é que ele ha-de ser chamado aos tribunais? Pela persuasão? pelo conhecimento próprio da responsabilidade no delito? ou pela fórmula autoritária? Inquestionavelmente, é pela fórmula autoritária. Porque, voluntariamente, ninguém poria os pés nesses edifícios a que chamam tribunais.

A par deste exemplo, há centenas, milhares doutros. Ora o Estado, tenha ele a forma que tiver, só se aguentará, amparado pela autoridade organizada. E chame-se monárquico, republicano, comunista ou soviético, o seu funcionamento é idêntico: a autoridade é tudo — a pedra angular, o braço, o sangue e o cérebro dessa máquina colossal.

Pois bem: Reclus e Neno Vasco combateram tudo isso, porque queriam instaurar um meio social em que os homens vivessem anárquicamente, isto é, produzindo e consumindo conforme as suas necessidades, sem auxílio do Estado, nem da autoridade, nem da polícia, nem de comissários do povo, nem de ditadores. E, por essa razão, foram dois estrénuos propagandistas do comunismo-anarquista e do Federalismo económico.

Nestas condições, como é

que os seus nomes nos aparecem, agora, como patronos de dois *alganismos* comunisto-autoritários? Sim, como é que eles, tendo combatido tenazmente o Estado e autoridade, nos surgem, assim do pé para a mão, como figuras de retablo, como santos, do *divinalissimo* Estado bolhevista do trãnsfuga Carlos Rates e consortes?

Só o confucionismo-político, a que aludimos mais acima, podia determinar semelhante pafifaria. Meter estes dois nomes num círculo tam estreito — eles que foram antiautoritários na verdadeira acepção do termo — é a mesma coisa que pretender encafiar Lisboa na aldeia de Paio Pires!...

Mas, dos políticos, tudo há a esperar. Se eles, como os gatos, vivem de caçar ratos!... E, neste caso, os ratos são os papalvos que lhe dão ouvidos!...

Que os comunistas-autoritários façam a propaganda dos seus elixires; que divinizem a sua feróz ditadura; que exalcem as virtudes da sua polícia encarnada e do seu exército vermelho; que elevem, aos cornos da Lua, o seu Estado proletário e mais as suas partes adjacentes, está bem. A asnelra, como a expansão sulfúrica, é livre. Mas que se sirvam unicamente com a prata da sua casa. Porque, ir à casa dos outros *buscar* aquilo que lá está, para alardear como deles, colocam-se no mesmo caso daquele labroste que não tendo nada de seu, pretendia deixar mundos e fundos aos seus herdeiros.

E isto, assim, não está bem. Os comunistas-autoritários devem estar a um lado — ao lado de todos os políticos e de todos os tiranos; e os comunistas-anarquistas, ao outro, ao lado de todos os homens de sentimentos generosos, e de todos os amantes do progresso e da liberdade.

Para ver se se evitam as lamentáveis confusões em que os comunistas-autoritários, são, pela amostra, uns grandes *maestros*, e uns grandes *gajórios*!...

## Contra a reacção! Contra o fascismo!

No último número de *A Comuna*, Mário Azevedo apelava para todos os revolucionários sociais, no sentido de se unirem para dar batalha ao fascismo. O apêlo não podia ser mais justo nem mais oportuno. Desde que, em Itália, um grupo de matulões, chefiado por um renegado socialista se deu à tarefa aviltante de assassinar os elementos mais activos da organização sindicalista e anarquista, assaltando os Sindicatos, destruindo as cooperativas e queimando as bibliotecas operárias, logo, no nosso país, uns meninos bonitos e efeminados tiveram a pretensão de macaquear a obra dos bandidos italianos.

A coisa, porém, parecia que ia redundar num tremendo fiasco, quando inopinadamente se produziu, na Espanha, o movimento militar e retrógrado que pretende amortalhar a Liberdade na sotaina dos jesuitas. Então os tais meninos bonitos de cá despertaram para a luta; e é ve-los através a imprensa católica e monárquica fazendo os mais fantásticos projectos para aniquilarem a organização proletária e todos os assômos de rebeldia daqueles que anseiam uma sociedade livre e igualitária.

Desta vez, não sabemos, se, em Portugal, o fascismo, como organização de bandoleiros, dará alguma coisa. Mas dê ou não dê, o que se torna necessário e urgente é a união dos que, sinceramente, amam a Liberdade.

Se o fascismo ainda não produziu os nefastos efeitos que os seus pretensos organizadores almejam, é preciso atentar que a reacção acobertada com o manto da república e aproveitando-se das facilidades que os governantes lhe tem dispensado, procura, por tôdas as formas, cercar-nos as poucas regalias que ainda usufruimos e que foram conquistadas à custa de inúmeros sacrifícios.

E o dêdo da reacção sente-se já de uma maneira insofismável, em tôdas as manifestações da vida social. Se não, reparemos nestes exemplos: Os operários que, em S. Julião da Barra, sofrem há 3 meses os horrores do cativo, dormindo na terra fria e húmida, não podendo falar às famílias, comendo uma potrêa infame, e sujeitos à violação da correspondência (censurada, dizem eles), não será obra da reacção? As agres-

sões aos presos de delito social feitas com conhecimento e consentimento das autoridades superiores, não será obra da reacção? A acção que êsse covil, que dá pelo nome da C. Patronal, tem exercido durante alguns movimentos grevistas, tentando, por todos os meios, aniquillar a resistência das classes em luta, não será obra da reacção?

E o caso passado há dias com as crianças filhas dos grevistas mineiros de S. Pedro da Cova, em que um militarão impediu que as inocentes crianças viessem receber os afagos, os carinhos e a solidariedade que os trabalhadores desta cidade lhe queriam prestar, furtando-as à fome e à miséria que lavra nos seus humildes casebres, não será também obra da reacção? Evidentemente que é.

Hoje, porém, ainda a reacção manobra a coberto do verniz da democracia; mas ela na sombra trabalha incessantemente a urdir o laço traçoeiro com que pretende estrangular a Liberdade e os seus mais dedicados defensores. Que fazer, pois? Esperar que os modernos familiares do Santo Ofício nos venham buscar a casa, para nos torturar, agredir e assassinar?

Não! É preciso agir, *pronto e rápido*. Para isso impõe-se a harmonia, a intelligenciação e a união entre todos os revolucionários sociais.

...Que apareça pois, o organismo que toque a unir fileiras para dar materialização às aspirações dos que não desejam conservar-se inactivos perante as arremetidas dos abutres da reacção, eis o nosso mais ardente desejo.

F. BENTO DA CRUZ.

## Um balanço oficial

O *Times* publicou um despacho de Osaka, segundo o qual, o estado-maior japonês anuncia que, se bem que ainda não se conhece o número exacto de vítimas causado pelo tremor de terra, os números que se seguem quase que se podem considerar como válidos:

Tokio, 110.000 mortos; Yokohama, 30.000; Kamakura, 15.000; península de Miura, 10.000; Odawara e Abemi, 7.000; península de Boso, 5.000. Além disto, de três milhões de pessoas que habitavam na zona devastada, 700.000 viram as suas habitações arrasadas.

Como os católicos dizem que tudo o que succede neste mundo é porque é da vontade de Deus, não seria máu chamá-lo à responsabilidade por mais êste crime nefando... Não acham, senhores católicos?

## Confissão de Carlos Kautsky sobre a originalidade do Manifesto Comunista

VII

Com o artigo anterior, podia ter terminado a minha contestação a Carlos Kautsky. Sou, porém, obrigado a escrever mais êste, visto que o socialdemocrata em referência, afirma, no seu extenso arrazoado, que Vitor Considerant não era um revolucionário, mas sim um partidário das reformas pacíficas.

Todo o mundo sabe que os fourieristas eram partidários das reformas pacíficas. E, no seu Manifesto, Considerant chama ao seu partido, «o partido da reforma pacífica»; e assim era, em realidade. Mas, com isso, não pode garantir-se que as concepções históricas e filosófico-sociais do seu tempo, fossem desconhecidas do instruído e intelligente escritor fourierista.

Aquele que quizer dar-se ao trabalho de comparar os dois Manifestos, ha-de reconhecer que o reformador-pacífico Vitor Considerant ultrapassou, em clareza, os revolucionários Carlos Marx-Frederico Engels, ao julgar as classes e a luta de classes, a concentração do capital e a vitória da grande sobre a pequena indústria, o domínio do grande capital, a superprodução e as crises, a concorrência em geral e a caça capitalística aos mercados internacionais, a miséria crescente da classe operária e a sua revolta contra o capitalismo — em suma, tôdas as ideas que Engels atribui a Marx e a si-próprio, e que Bebel, Kautski, Plekanoff e outros prêgaram ao proletariado como a «posse» científica do seu partido e nas quais basearam tôda a sua tática política.

É verdade que, Considerant, era, como socialista, um reformador pacífico. Mas, o caso, é que todos os grandes fundadores do socialismo foram pacíficos reformadores. Nem Saint-Simão, nem Fourier, nem Roberto Owen incitaram o povo a construir barricadas. E, todavia, tôdas as formas e direcções do movimento operário, do socialismo do nosso tempo, dos esforços de associação e das cooperativas, do movimento sindicalista, da greve geral, etc., foram, teórica e praticamente, formulados por eles.

¿E que são, senão reformis-

tas-pacífico-legalitários os socialdemocratas da Europa ocidental, com as suas doutrinas do marxismo e com as suas fórmulas da missão autodeterminadora das condições da produção na vida social?

As condições da produção constituem o resultado do desenvolvimento e da troca da produção, mas não da actividade e da iniciativa dos revolucionários. Nesta doutrina inteira do influxo autodeterminador das condições da produção segundo os homens, não há espaço algum para os revolucionários. Como a melhor prova disso, podemos apresentar a própria socialdemocracia. Na sua existência de cinquenta e tantos anos não há um só acontecimento revolucionário que criasse alguma coisa para o socialismo. Pelo contrário: condenou, franca e abertamente, todos os sucessos revolucionários, todos os movimentos e os factos da Espanha, da Itália e da França. E, obedecendo a Engels, a socialdemocracia repudiou a greve geral. Tôda a sua força tem por fim conseguir importantes cargos estatais para os seus chefes, por via das eleições parlamentares aburguesadas. Há mais de quarenta anos que a socialdemocracia não se ocupa doutra coisa.

¿Com que direito, pois, Kautski, o teórico do partido legal do parlamentarismo, o representante da doutrina da evolução das condições de produção, e não o revolucionário de acção, exproba, a Considerant, a sua qualidade de partidário das reformas legais? É claro que, com isso, propõe-se comprometer o autor do Manifesto da democracia e o próprio Manifesto.

Mas, o que é curioso, é que logrará desacreditar o notável fourierista Vitor Considerant, como logrou purificar a memória dos seus mestres da acção provadíssima de plagiadores.

Que nunca foram outra coisa.

FIM

VLADIMIR TCHERKESOFF.

## COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Preço \$20; pelo correto \$30.  
À VENDA NESTA REDACÇÃO

## OUTRA VEZ...

## Aos católicos apostólicos romanos

«Setecentos católicos portugueses, ao atravessarem a fronteira, saudam a Pátria.»

(Telegrama, enviado pelos peregrinos a Lourdes, reproduzido nos jornais.)

Venho de novo, requerendo do Altíssimo a divina inspiração, verberar mais uma incoerência de alguns nossos confraternizados pelos divinos dogmas de Nosso Senhor.

Venho mais uma vez — a voz da Verdade na minha voz altissonante, gritando o *Fiat Lux* de sacratíssima tradição — mostrar a incoerência doutro vosso procedimento e, mais uma vez, recomendar que sejam os *Livros Santos* e outros receitados pela Igreja — e pelos ateus, para a cura das insónias — o farol que vos alumie nas trevas deste escuro orbe terráqueo de Adão, Voltaire, Zola, Junqueiro...

E, todo este prólogo, vem a propósito dum telegrama a que vós, *irmãos* católicos, não ligastes grande importância — mas que produz grande desequilíbrio na balança celeste.

¿Não atentaram, caros confrades, as vossas pupilas, num telegrama, mensagem dos peregrinos católicos a Lourdes, publicado nos jornais e concebido assim: «Setecentos católicos portugueses, ao atravessarem a fronteira, saudam a Pátria?»

Não pesastes estas palavras?

Não feriu, este telegrama, os vossos tímpanos, com o som da heresia em que abunda?

Quando o lêstes, a sua demoníaca frase não vos cegou a vista?

Não vos atacou as narinas o fedorento odor da blasfêmia que o telegrama contém?

...Pois fede bem a heresia!

Talvez, meus correligionários — por estas e outras, candidatas a brasas do Lume Infernal — devido à constipação religiosa que vos insensibiliza o faro, esta blasfêmia vos não tenha fedido...

Mas, vamos a explicações:

Fazei convergir toda a vossa atenção e raciocínio teológico sobre este telegrama e, convireis sem custo, que somente católicos inconscientes — ou ateus, por *bexiga*, e poderiam redigir e subscrever.

...E, senão, lêde, uma vez mais, o telegrama: «Setecentos católicos portugueses, ao atravessarem a fronteira, saudam a Pátria.»

Que horror!... tenho que tapar o nariz, herméticamente, para evitar o fedor insuportável desta blasfêmia...

«...católicos, ao atravessarem a fronteira...»? ... — como se, para nós, católicos, todos imateriais, todos etérios, existissem fronteiras!... Como, se para os católicos todos espirituais e metafísicos, fôsse concebível a preocupação constante e mesquinha das coisas materiais e terrenas...

«...fronteira...Pátria!» Maior blasfêmia, mais horrível heresia, não vi escrita ainda por católicos — nem sequer, por ateus, n'«A Velhice do Padre Eterno.»

...Os eleitos de Deus, os seus agentes na terra, a falar em banalidades materiais: Fronteira, Pátria! Os católicos — nós todos, meus *irmãos* — que, a oncher-nos o espírito e a no-lo preocupar, devemos ter, somente, a olímpica visão da Cidade dos Justos; os católicos que, de olhos fitos num êstase místico, devemos só ver a Pátria Celeste, o Reino Celeste: a interessarmo-nos, agora, pela Pátria do Marquês de Pombal e Junqueiro, pela República Portuguesa...

...A interessarmo-nos pelas coisas do mundo — deste mundo imundo e imperfeito... que só é perfeito por ser obra do *Infinitamente Perfeito*...

Católicos — que, para a conquista do Céu, deveis seguir o exemplo de S. Inácio de Loyola e S. Paulo III — a chamar Pátria a um pedaço qualquer de terra impura, fecundadora, aqui, de Heliodoro Salgado; de Renan e Proudhon, acolá...

...Os católicos que só uma Pátria devem ver — a Pátria Celestial — toda infinita, sem fronteiras, eternas, onde, em vez dum António Zé ou Bernardino há Deus; em vez do carcereiro António Maria da Silva, chaveiro do Poder, há S. Pedro; em vez da Banda da Guarda, há a Filarmonica Celestial e onde não faltam também lutas civis, entre anjos bons e maus, cuja artilharia de cá debaixo ouvimos ribombar...

...A Pátria Celestial — para os católicos, a única — aquela

onde não existem ateus, nem «A Comuna»... e onde não há senhorios despóticos...

Ai! como tenho o coração despedaçado por tanta impiedade — da parte, mesmo, daqueles que católicos se dizem. ...Uma tal incoerência de setecentos católicos...

Ah! como neste globo impuro lavra a peste da heresia... Como eu sofro ao ver católicos — meus *irmãos* de Crença — caírem em tais incoerências...

Muita cautela com o Caldeirão, católicos, vos aconselha o compadecido da vossa desgraça.

Vosso irmão em Kristo.

PEDRO DAS NEVES.

P. S. — Foi a visão horripilante, tétrica, dantesca das Chamas de Plutão — quero dizer, do Lucifer do Catolicismo — a que vós estais sujeitos, *irmãos*, e o muito amor e compaixão que me inspirais, que me levaram a escrever estas linhas para vos notar o perigo em que as vossas almas incorrem.

DA MINHA TRIBUNA

## A REACÇÃO

O abútre sinistro e pavoroso que se chama «Reacção» não desarma, como nunca desarmou. Inimigo hipócrita e traiçoeiro, sempre que pôde cravar as terríveis garras, não hesita em causar vítimas, porque a sua sanha devoradora é insaciável e feróz.

E' por isso que, de quando em quando, surgem, como resultado dessa sanha devoradora, as *mussulinadas* e *riveradas*, disfarçadas na velha e suja capa da *salvação da pátria* — as quais, teem por fim pretender atrazar o progresso das ideias emancipadoras, afim de que as classes dominantes possam explorar, por mais algum tempo, as suas vítimas — os que trabalham utilmente.

Mas, ¿devemos admirar-nos disso? Não; porque outra obra não pode ser a daqueles que vivem do trabalho dos outros...

A *Riyérada de Primo*, que acaba de sacudir fortemente toda a Espanha, sendo um prévio aviso do perigo que nos ameaça, é também uma bela

lição a todos os que, amando o progresso e a liberdade, teem andado dispersos do campo de acção onde devem lutar enérgica e tenazmente em defesa dos mesmos. E' como que um toque de clarim chamando todos ao cumprimento do seu dever, mas muito principalmente os que se teem esquecido de cumprir esse mesmo dever.

Se todos quantos amam a liberdade e o progresso compreendessem bem o quanto é prejudicial e perigoso qualquer transigência com o jesuitismo e com o militarismo, nunca ninguém teria transigido com eles, na mais pequenina coisa, nem se teria deixado iludir e enganar pelos gestos e manobras desses monstros sinistros disfarçados em coisa *inofensiva*! E então o perigo reaccionário já se teria desviado de nós há muito tempo.

Assim não. As poucas liberdades que existem, conquistadas à custa de tanto sangue generoso e de tantas vidas preciosas, continuarão a correr perigo, se uma acção enérgica e persistente não vier pôr termo à audácia e à traição da onda reaccionária.

Urge, portanto, que o proletariado organizado, — e muito principalmente, nós, anarquistas — compreenda bem a gravidade do momento histórico. E, assim, robustecemos os nossos organismos de combate, para darmos batalha sem tréguas ao adversário comum, uma vez que só com o nosso esforço devemos contar, — isto se não queremos ser devorados por esse monstro sinistro e insaciável que nunca desarmou nem desarmará, enquanto não fôr aniquilado mortalmente!

M. C. MACHADO.

## CORREIO DE "A COMUNA"

BRAZIL (S. Paulo) — *Guerino Peleia* — Recebemos 140\$00, destinando: 89\$00 para a subscrição voluntária e 51\$00 para o teu débito. Ficas pago até ao n.º 13.

MONTE-MOR-O-NOVO — *Joaquim Bento* — Recebemos 2\$70.

## LITERATURA

## UM REGENERADO...

Pela terceira vez, o poeta encontrara-se, na rua, com aquele pobre rapaz, sujo e coberto de andrajos. E, pela terceira vez, tinha sentido a mesma comisseração, a mesma angústia, por aquela figura de maltrapilho.

Nesse dia não pôde fugir à tentação de o interrogar. A juventude e a desgraça do rapazito, juventude e desgraça que eram uma amálgama de sombra e de luz, atraíam-no irremissivelmente. Oh! como o poeta sentia latir, no seu peito, o amor pelo irmão que se revolvia na lama!...

Sim: estava resolvido. Falar-lhe-ia, de modo que nos ouvidos do infeliz deslizessem as palavras que a caridade, êsse anjo bendito, lhe ditara. E, porque não? Levantá-lo-ia do charco, mostrando-lhe o bom caminho, como um guia seguro e certo. A sua obra de regeneração, seria uma obra digna dum Cristo. E votou-se a ela.

O mendigo não opoz nenhum obstáculo para a realização dos fins que o poeta tinha em vista. E' claro que êle trabalharia, fazendo o possível para conseguir o seu próprio sustento. Queriam ajudá-lo? Muito bem. Consentia nisso. Seria um homem útil... Pela sua parte não havia o mínimo inconveniente.

O que fazia extranhar o poeta era a falta de entusiasmo, o gesto quãse indiferente, frio, mesmo, com que o jôvem mendigo acolhia os seus oferecimentos.

E' certo que êle aceitava tudo: a protecção imediata, carinho, quãse impulsiva com que o obsequiavam; mas aceitava isso tudo com um tal despreendimento e resignação, de abandono íntimo e de desespero profundo, que o poeta se sentiu ferido nos seus sentimentos, chegando, até, a vacilar na proposta que fazia.

—¿Como?—dizia de si para consigo. ¿De que matéria será formado êste homem único que, assim, passivamente, regeita a sua redenção? Porque, para o poeta, era uma regeição aquela atitude extranha, na qual, um fino e experiente observador teria lobrigado uma convicção profunda do irreparável.

Mas, firme no seu propósito, o poeta levou o mendigo até ao hotel e restaurante onde costumava almoçar, e onde gosava

de crédito, de estima e de consideração.

João, seu grande amigo, que estava lá hospedado, observava-o, encostado à porta. Primeiro, teve um gesto de assombro. Mas, êsse gesto de assombro transformou-se em entusiasmo e simpatia ao conhecer as intenções do poeta para com o seu protegido.

—¿Compreendes?—preguntou-lhe o poeta.

—Compreendo!

—¿Ajudar-me hás na minha obra?

—Com tôda a minha alma!

—Pois, então, principiemos.

E, comovidos, levaram o miserável para um quarto do hotel.

Foi preciso dar-lhe um banho. O jôvem mendigo estava carregado de porcaria. Na scena bíblica da última ceia, o Mestre, lavando os pés aos seus discípulos, ficava muito àquem daqueles dois valentes e abnegados seres, cheios de caridade e ternura, a despejar do estêrco aquele anjo perdido.

—Dá-me o sabão!

—Levanta êste braço!

—Agora o umbigo!

—Que não esqueça a cabeça!

—Abre a torneira! Outra vez!... Água... água... água... mais água...

—¿Tens uma escôva no teu quarto?

—Tenho. Vou buscá-la.

Entretanto, o jôvem mendigo, ali, no meio do banho, permanecia cego, mudo, impassível, estático, sem movimento, dando idea dum boneco numa festa de rapazinhos endiabrados.

—Toma. Esfrega com força.

—¿Sabes um coisa?

—Diz.

—Para isto não basta só a água... Pobre cabeça!

Os dois amigos olharam-se expressivamente. E João saiu em busca dum frasco de essência e dum vestuário.

Nessa tarde, assim aseado e vestido de novo, o mendigo comeu à mesa do poeta. Contou uma história triste e serviu-se, apenas, de dois pratos.

Graças à decisiva influência dos seus benfeitores, em breve, o jôvem mendigo prestava, no hotel, os seus serviços, como engraxador e moço de recados. desde o amanhecer até altas

Trabalhava fatigantemente

horas da noite, isto é, até se fecharem as portas do hotel.

Todos achavam nobre e levantada a acção do poeta; mas ninguêem se atrevia a interrogar o mendigo de ontem sôbre a sua situação de hoje. Uns, por consideração; outros por indicação do próprio poeta, a quem cumulavam de elogios, não queriam penetrar na intimidade do antigo maltrapilho.

Mas, a atitude desconcertante do moço, concluiu por despertar a atenção do poeta, que nunca lhe viu um raio de luz nos olhos, nem um sorriso nos lábios. No gesto, encontrava, sempre, o mesmo desespero. E o silêncio?... Absoluto!

Porquê?...

Um dia...

Um dia, estavam reunidos, uns poucos de comensais, na mesa central da sala de jantar. Terminada a refeição, riram-se e contaram anedotas. Como sempre, o poeta era a alma daquelas reuniões. De repente aparece o mendigo com os aprestos de engraxar...

João, seu segundo protector, disoreto até êsse instante, sentiu-se dominado pela imprudência. Chamou-o e disparou-lhe à queima-roupa:

—Olha lá! ¿Estás contente?

—Não posso negar que te transformamos num homem — acrescentou o poeta.

—Nem que a caridade é uma coisa má — atalhou o companheiro.

—Sim, senhores... Assim será—respondeu o rapaz.

Visivelmente incomodado, João olhou para o poeta. Este fez um movimento nervoso que o amigo interpretou como um desejo de saber a verdade, tôda a verdade.

Então, interpelou rudemente o rapaz.

—Mas tú não és um imbecil... Fala, por Cristo. ¿Duvidas do valor da caridade?

O rapaz ergueu a cabeça. E deixou cair as palavras, uma-a-uma, como se lhe arrancassem, do fundo d'alma, um pêso enorme, com o qual já não podia.

—A caridade... sim... a caridade é uma boa coisa... Fez por mim, o que não faria por ninguêem... Tornou-me num servente... num engraxador... num escravo!... Eu, que era livre...

E fugiu, com o ar dum homem que tinha vergonha de si-próprio...

Na mesa, ninguêem ria. O poeta estava envergonhado.

E só naquele instante, é que êle soube a verdade, tôda a verdade...

## ANTOLOGIA

## O Deus dos Católics

*O Deus dos católics, o Deus dos padres, dos frades, das freiras—as mãres!—, o Deus da Igreja, o Deus-bom, o Deus-clemente, o Deus-piedoso, o Deus-justiceiro, premiador do bem, castigador do mal, juiz único a julgar as acções dos homens, sempre com a espada na destra, e a balança na sêtra—donde veto o simbolo da justiça, mas de olhos vendados, cega!—; o Deus do catolicismo, que os pintores, os estatuarios e os escultores representam sob a figura dum homem semi-nu, de rosto livido, olhos amortecidos, lábios arroxeados, músculos contrahidos, cabeça pendente sôbre o ombro esquerdo; magro, chaguento, ensangüentado, pregado numa cruz—antigo patibulo, sinal de ignomínia, como o foi a fôrca, entre nós—, não existiu, nem existirá.*

*E' um sér imaginário, uma concepção extravagante, filha dum cérebro febricitante, simples fruto da especulação e da tirania; o absurdo, na sua forma a mais pujante, mas que não resiste, por isso mesmo que é falso, à análise, à «broca da crítica», porque é mestêr que se saiba que não só o páu se deixa perfurar, como o próprio ferro, o próprio aço e o próprio mármore...*

*¿Como é que a razão pode admitir a existência dum sér, sumamente perfeito, com todos aqueles atributos que emprestam ao seu Deus—porque é dêles, os velhacos, e, por seu turno, os fanáticos—quando não passa dum composto de imperfeições, das quais citarei, como amostra, a iniquidade, a injustiça, a sem-razão e a crueldade?...*

*Ao Deus dos católics, ao crucificado, como sendo a expressão do sumo Bem, da summa Justiça, ao Verbo feito Homem!, encarnado!, eu podia opôr, como negação, se necessária fosse, milhares de crucificados, menos indecentes, mas por isso mesmo mais dignos das vistas, ou dos olhos das criaturas essencialmente piedosas e essencialmente púdicas—que as há— não na cruz de madeira artisticamente feita, mas na cruz da fome, da sede, do pêjo, da vergonha, das misérias que rebaixam, degradam e aviltam milhões de seres; cruz mais afrontosa, para os que nela padecem, do que a essa a que chamam—atrôz ironia— o simbolo da Redenção humana III*

CARVALHO JÚNIOR.

ALBERTO GHIRALDO.

## Apontamentos...

UM dia destes, andando eu a «flanar» pelas ruas da cidade à cata de boatos ou duma sentença de morte pronunciada pelo futuro comissário das botas da rua de Fernandes Tomás, senti que, num dado momento, um braço vigoroso, mas que cheirava a incenso, me detinha. Parei, ou antes, estaquei. Quem seria que, tam de sopetão, me impedia de prosseguir no meu caminho? Ora, quem havia de ser: um amigo que eu não lobrigava há muitos anos. Apertamos as mãos; e, como ali perto havia um café, — coisa luxuosa e que nos convidava a cavaquear um pouco, para lá nos dirigimos.

Abancando à mesa, principiamos a falar de diferentes coisas. Até que, por fim, veio a peregrinação à baila. O meu amigo ficou vermelho que nem um tomate maduro. E eu, muito naturalmente, perguntei-lhe:

— Se calhar, também lá foste...  
— E' verdade — respondeu-me. E como tú és um incrédulo, eu não te queria dizer nada...  
Tú, chamas-me carola; mas, se visses o que eu vi, com certeza que acreditarias nos milagres de Lourdes como eu acredito...

— Falas sério? — interroguei.  
— Muito sério.  
— Então, conta-me lá alguns dos milagres a que assististe.  
— Para fazeres troça?  
— Não senhor! Eu não gosto de troçar das coisas sérias!  
— Então, escuta...

Bebeu dois goles de café, acendeu um charuto dos bons — enquanto que eu fumava um raquitico cigarro forte, e começou a descrever-me aquela fonte inexgotável de milagres que se chama Lourdes.

— Eu vi uma mulher, tuberculosa no último grau e sem esperança de salvação, meter-se numa tina. De repente vi um braço misterioso, cuja mão ostentava um bisturi, mergulhar na água santa. O que êle fez à doente é que eu não sei. O que sei, é que, de aí a meia hora, a mulher saía da tina completamente curada... Há só uma coisa que eu não compreendi muito bem. Mas isso são altos desígnios de Deus. A mulher, quando entrou para a tina, falava como nós; e, quando saiu, não falava: ladrava!

— Isso — atalhei — é porque

Deus, quando lhe tirou os pulmões afectados, quiçá a desfazerem-se, julgou que a paciente era uma cadela e meteu-lhe, no respectivo logar uns «pulmões» de cão...

— Graças a Deus muitas; graças com Deus poucas. Ele bem sabe o que faz.

— Quem te diz menos disso?... Mas, essa coisa da mulher começar a ladrar, após a cura...

— Ladra, mas já não é tuberculosa. O milagre, é evidente.

— Lá isso é. E se ela principiar, agora, a caminhar a quatro, então o milagre é ainda muito maior...

— Ora adeus! Ouve, se queres, e deixa-te de comentários.

— Sou todo ouvidos...

— Um outro devoto, mais careca do que um gôdo da beira-mar, meteu-se numa tina e saiu de lá com uma cabeleira muito farta, muito sedosa, muito luzidía, e de risca ao lado, cabeleira que metia raiva ao mais pintado...

— Não me espanto. O Faria cabeleireiro também faz dêsse milagres. Vai ao teatro, mesmo de amadores, e certificar-te hás da veracidade das minhas palavras.

— Lá estás tú com as heresias.

— Não são heresias. Cabeleiras como as que tú viste em Lourdes, vendem-se em tôda-a-parte. E há para tôdas as cores, para todos os feitios e para todos os preços.

— Bem, bem! Deixa-me continuar, incréu de mil demónios.

— Pois continua. O que me dizes, está a interessar-me bastante...

— Um outro devoto não tinha pernas. Atiraram-no para dentro da tina, e Deus pôz-lhe umas novas.

— Mas que grande concorrente aos hortopedistas! E tú, ¿apalpaste-las?

— Apalpei, para me certificar.

— ¿E eram duras?

— Eram.

— Nesse caso, eram feitas de buxo e ferro... Para isso, o devoto não precisava de ir a Lourdes. Ia ao Júlio Perna de Páu, e êle operava o mesmo milagre, e por um preço mais convidativo...

— Um outro, que padecia dos calos, saiu da tina sem êles. Só queria que visses! Nem as marcas se lhe conheciam...

Apenas uma diferença eu notei: quando andava, e batia com os pés nos paralelepípedos, fazia lume... De que seria?

— Ora de que havia de ser? — acrescentei. Como êle, seguindo tú dizes, era portador

de muitos calos, ferraram-no. E as ferraduras, em contacto com as pedras, fazem quase sempre lume. Ai tens o que sucedeu a êsse crente: parecia um homem quando ia para Lourdes e voltou de lá transformado em burro...

O meu amigo, começou, nesta altura, a sorrir desdenhosamente, mal podendo conter a sua cólera. E eu que lhe percebi o fraco, disse-lhe:

— A cólera não é boa conselheira...

— Tens razão.

— Então, continua.

— Um outro devoto, que via pouco, saiu a ver...

— Navios?

— Não. A ver tudo... com o auxílio duns óculos de grau elevado!

— Para isso, escusava de ir a Lourdes...

— Agora — e não te rias — o que eu não pude perceber bem, foi como um devoto, — homem bem posto e de bigode rapado, mal que se meteu na tina, a água começou, em borbotões, a atirar umas coisas para fora. Fui ver, e eram queijos!

— ???

— Sim, queijos autênticos... Ris-te? Pois é verdade.

— Devia ser... o bispo de Beja.

— Esse já morreu.

— Então seria algum crente que lhe tomou... a herança!

— O meu amigo não quis contar mais nada. Ergueu-se, pagou a despeza, porque eu não trazia nem uma cédula sebenta no bôlso e despediu-se de mim, vociferando:

— Adeus, tição do inferno!...

— Adeus, carola das hóstias...

Cheguei a casa, abri um livro

— *Deus e o Diabo*, de Afonso Karr, e eis a resposta que o cardial de Polignac deu a Fontenelle, quando êste lhe perguntou, um dia, se havia milagres:

— «Eu, por mim, não faço caso de milagres. E devo dizer-lhe que é necessário que os homens sejam muito idiotas, muito ignorantes, muito imbecis e muito parvos para, em vez de admirarem as leis da natureza, concederem a sua admiração a uma interrupção, ou a uma infracção momentânea dessas leis...»

E, na verdade: Lourdes é um bazar como os *Bazares de três vinténs*. Ali vende-se de tudo. E é necessário que os que lá vão sejam «muito idiotas, muito ignorantes, muito imbecis e muito parvos», para ir comprar ao longe aquilo que teem ao pé da porta, e ainda por cima, chamar milagres a essas transacções...

Mas, não admira: as religiões, e, com especialidade, a religião católica, só vivem à custa da idiotice, da imbecilidade, da ignorância e da parvoíce. O que me descreveu o meu amigo, não prova outra coisa...

PEDRO GUIMARÃES.

## Ditaduras!...

Dum diário belga—*Le Peuple* — apreciando o golpe de Estado na Espanha:

«Nunca se falou tanto de ditadura como depois que os vencidos e os vencedores da «grande guerra», proclamaram o direito dos povos disporem de si-próprios.

«Assim, já tínhamos: Ditadura do proletariado na Rússia. Ditadura dos fascistas na Itália. E eis que, agora, uma sedição de militares profissionais impõe ao rei Afonso XIII, a ditadura dos jesuitas do sabre.

«Foi naturalmente o patriotismo que serviu de pretexto para esta última aventura de bandidos. Não tendo podido conquistar Marrocos, os valientes oficiais do Exército e da Armada, da Catalunha, resolveram conquistar a Espanha!»

Pois não foi outra coisa. E para que a conquista fôsse mais completa, impuseram a sua ditadura.

Já há, portanto, como os Deuses da Bíblia, três ditaduras — ditadura do proletariado, ditadura fascista e ditadura militar — e uma só verdadeira: a ditadura estatal, pesando estupidamente sobre os povos que a suportam.

## PRÓ-PRESOS

## por QUESTÕES SOCIAIS

Transporte . . . . .	260\$50
F. Bento da Cruz . . . . .	2\$50
António Bento da Cruz . . . . .	1\$00
Amélia Bento da Cruz . . . . .	8\$00
António Moura . . . . .	1\$00
João M. A. Fernandes . . . . .	2\$50

Quete aberta por intermédio de Jacinto José Lopes da Silva, em S. Cosme de Gondomar:

Jacinto J. L. Silva, e 5 filhos . . . . .	6\$00
Joaquim Mendes Silva . . . . .	2\$50
Felix Moreira . . . . .	8\$00
João Vieira da Silva . . . . .	3\$00
José Ramos . . . . .	1\$00
Um anónimo . . . . .	1\$00
Joaquim dos Santos . . . . .	8\$00
Guilhermina O. Lopes . . . . .	1\$00

A transportar . . . . . 283\$20

## O Comunismo alemão fraterniza com o fascismo

Os revolucionários dos outros países fazem geralmente uma falsa ideia da situação da Alemanha. Esta falsa ideia é mantida designadamente por certos partidos políticos, chamados «revolucionários», — em primeiro lugar o partido comunista.

Por ocasião dos últimos acontecimentos, pensou-se que a revolução se ia desencadear na Alemanha. Ora, para aqueles que vivem neste país, era visível que o movimento não era determinado senão por um descontentamento geral devido às más condições de vida. Os comunistas tentaram, é verdade, aproveitá-lo para os seus fins, mas não o conseguiram.

As razões que tinham determinado as últimas agitações eram inteiramente especiais. O dólar tinha subido duma maneira anormal, e de aí tinha resultado uma carestia incrível. Os trabalhadores exigiram salários proporcionais, que a quase totalidade dos patrões não lhes pôde pagar. Por causa disso fecharam-se fábricas, sendo os trabalhadores reduzidos à miséria extrema.

Perante estes factos o governo mostrou-se impotente. Isto permitiu constatar-se mais uma vez a sua inutilidade, ou melhor, a sua nocividade.

O partido comunista «avançou», e declarou que só um governo de operários e camponeses era capaz de resolver a crise. Foi deles que veio todo o barulho, e todo o bluff.

Após um domingo de greve geral e de greves parciais até terça-feira, tudo terminou por um governo de coligação burguesa, onde vemos Stresemann acamaradar com o social democrata «camarada Radsbruck» que, quando era ministro da Justiça, extraditou os nossos camaradas Fort e Concepcion, assim como Boldrini.

E agora, que vemos nós na Alemanha?

A união do proletariado está posta no pelourinho pelos comunistas. Os sindicalistas e anarquistas são combatidos como reacccionários e separatistas; mas a união dos comunistas com os fascistas e os antisemitas vai marchando. Todos os dias, se pode observar uma nova prova desta confraternização, e uma manifestação de unanimidade de vistas. Na *Rote Fahne* (*Bandeira Vermelha*), ci-

tada com tanto gosto pela *Vie Ouvriere*, encontramos não somente artigos de Reventlow, um dos fascistas mais notórios, mas também de oficiais «*Deutschnational*» (nacionalistas alemães). A semana passada, era a opinião do famoso nacionalista, Hans von Henty, que a *Rote Fahne* citava nos termos seguintes:

«Os operários, cuja forma de tendência activa organizada é o comunismo, devem saber que centenas dos antigos oficiais do front que colocam verdadeiramente a Alemanha acima de tudo, acima de toda a transformação social, acima de toda a transformação política, acima das opiniões particulares as mais obsecadas, marcharão a seu lado, no mesmo pé e com o mesmo passo, quando o tambor os chamar ao combate. A honra da nação será salva pelos trabalhadores, apesar da acção dos poetas nebulosos, dos comerciantes pouco honestos dos políticos tarados. Os senhores da Alemanha não entregarão a baixo preço uma só polegada do seu sólo, quer no leste, quer no sul. E' dever de todo o oficial alemão fiel ao seu país

defender a nação que está personificada nos operários, na sua impetuosa vontade e força de vida.»

E sobre esta declaração a *Rote Fahne*, prosegue:

«Regosijámo-nos em nos encontrarmos no mesmo caminho com oficiais desta espécie.»

As linhas acima falam por si mesmo, e não carecem de comentários.

O camarada Pfemfert, na *Die Aktion* escreve sobre uma reunião do partido comunista onde Rute Fischer, um az do partido comunista alemão fala como antisemita. E' preciso notar que Rute Fischer é judia:

«Um acaso permitiu-me conseguir um convite; e eu pude, todo olhos e ouvidos, assistir à calorosa comédia dos nacionalistas alemães, que era presidida pela esquerdista Rute Fischer, que julgava que não a escutavam ouvidos de operários. Fischer dirigiu-se aos «heróis que, como Schlageter, estão prontos a sacrificar a sua vida no altar da Pátria pela liberdade do povo!» Ela glorificou estes «heróis»:

«O império alemão, a cultura

alemã, a unidade da nação só nós poderemos salvar, se vós senhores do lado fascista (*Deutsch Volkischen*), reconhecerdes, que deveis fazer causa comum, e lutar com as massas que estão organizadas no partido comunista. Vós levantel-vos contra o capitalismo judaico, senão. Quem se levanta contra o capitalismo judaico, é já um lutador de classe, mesmo ignorando-o. Vós sois contra o capitalismo judaico, e quereis abater os especuladores da bolsa de Job. Perfeitamente. Abatei os capitalistas judeus, pendurai-os nos candieiros, e espesnhai-os. Mas, senhores, com vos comportareis com os grandes capitalistas como Stinne, Klockner? Libertação nacional...

Levantamento da Alemanha. Senhores, nós vos mostraremos o caminho positivo para uma luta libertadora contra o imperialismo francês.

Este imperialismo francês é agora o maior perigo do mundo: a França é o país da reacção. E' só com a aliança com a Rússia, senhores do lado fascista, que o povo alemão se poderá libertar do capitalismo francês: o invasor do Ruhr. A Rússia é a saída para onde se deve dirigir o pensamento de todo o indivíduo que pense na salvação da Alemanha. Pela nossa pátria alemã, pela unidade alemã; e como palavra final: «Contra o imperialismo francês.»

O comunista Dr. Rosenberg declarava ainda:

«O partido comunista pode já contar uma larga lista de mortos. Mas o passado deve ser esquecido; e não é agora o momento de lembrar tais coisas...»

O que quero dizer que os comunistas se entenderão com os assassinos de Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Landauer; com os carcereiros de Ernesto Toller, Max Holz, Erich Mühsam, etc.

Não é para admirar muito esta atitude dos comunistas. A ideia nacional estatista foi sempre uma parte essencialmente integrante da Internacional Comunista; e era de prever que cedo ou tarde a sua política devia dirigir-se para o canal do nacionalismo. Não nos deve pois surpreender se encontramos agora Radek armado em defensor do bolxevismo-fascista,

Num dos seus numerosos discursos, Radek lisongeando

## CONFISSÃO DUM BURGUES

...E, na verdade, o estado em que jaz a alma nacional, é para causar calafrios.

Sensualidade sórdida, fatalismo bárbaro, egoísmo atroz; uma avidez insaciável de lucros, uma decadência vertiginosa de escrúpulos — é o que eu contemplo, arripiado, quando olho para além das minhas ilusões. Não se ouve o palpar dos corações, mas o remoer dos estômagos. Quando se perde meia hora nos dédalos tenebrosos no bairro da Sé, no Pôrto, ou no de Alfama, em Lisboa, sai-se daquelas regiões dantescas compreendendo o *porquê* de muitas coisas, com a face empalidecida de horror e os olhos humedecidos de piedade.

Só na Africa e no Oriente se encontram ainda pobres animais humanos que se resignam, como as nossas mulheres da Ribeira, a descarregar, em cestos, as barcaças de carvão. Progredimos tanto! Fabricamos sedas e casimiras, lâmpadas electricas e motores,

mas ainda não conseguimos substituir a criatura humana pela máquina, nesse trabalho de suplício, que só pode fazer-se com submissão de escravo.

As classes conservadoras, quanto mais enriquecem de dinheiro, mais empobrecem de coração.

Nunca houve tantas fortunas em Portugal, e nunca, em Portugal, houve maior miséria pública e moral.

Nunca houve tantos ricos e nunca houve menor número de benfeitores. Um egoísmo intratável está acabando de dissolver os laços da comunidade. Onde havia um povo, há classes que se hostilizam e defrontam com desconfiança e rancor. Como o pavão, só olhamos para o leque fulgente da nossa cultura intelectual. E se olhassemos para os pés dos nossos ilotas que enxameiam as ruas?

De *A Águia*, 1923.

CARLOS MALHEIRO DIAS.

o fascista-bandido Schlageter chamou-lhe o *bravo da contra-revolução*.

Consagrou uma brochura a este respeito, brochura que foi espalhada graças aos cuidados do partido comunista alemão.

Em seguida a um artigo de Radek (*Correspondência Internacional*, edição alemã) sobre o fascismo e a social democracia, apareceu na *Rote Fahne*, número 176, um longo artigo intitulado «dever do partido comunista da Alemanha»; no mesmo número publicou um artigo o bem conhecido reaccionário, duque E. Reventow, intitulado: «Um fim a atingir». Esta ideia de «atingir um fim» conjuntamente é tam acariciada dos dois lados, que não tardaremos a ver realizar-se a santa aliança do bolxevismo da esquerda e da direita. Deve-se notar que as primeiras *démarches* não foram feitas pelos fascistas, mas exclusivamente pelos comunistas. O duque Reventow nota-o também no seu artigo na *Rote Fahne*.

«A questão de se saber se considero o comunismo como perigoso para o interesse nacional de Alemanha, eu respondo: até a data considerava-o assim. Até ao discurso de Radek sobre Schlageter o comunismo declarou-se sempre e por toda a parte anti-alemão e anti-nacional. O comunismo não pode admirar-se pois se, ao principio, nos encontrou muito scepticos perante a sua nova attitude.»

Deste modo foi, pois, notado pelos chefes fascistas, que o partido comunista empreendia uma outra política. Em que direcção se orienta esta política, e como trabalharão em comum, diz-nos Reventlow:

«Num artigo no *Reichswart*, lamentel, lançando um olhar retrospectivo, que em 1920 não se tivesse realizado uma cooperação entre as tropas alemãs e soviéticas contra a Polónia, e que eu me tivesse pronunciado em vão por uma tal colaboração. M. Frolich pergunta: Julgais que esta ocasião tinha passado para sempre? Não creio sem reservas, que ela pode voltar sob esta forma ou sob uma outra. Doutro modo não vejo de que maneira poderá a Rússia dos soviéticos, se ela o quiser, auxiliar eficazmente num futuro próximo a libertação da Alemanha da violação dos francezes.»

Assim se agita a ideia de que as tropas do exército vermelho se aliarão aos elementos fascistas, aos Ludendorff, Hindenburgo, Ehrhart e C., para tomarem parte na luta contra a França. De resto, Marcel Cachin não disse, num dos seus ruidosos discursos que *o exército vermelho faria guarda no Reno!*

E' preciso ter um cérebro acanhado como... um comunista, para não ver o que salta aos olhos. Aqui falam eles de ir «ao fim do caminho» com os fascistas; na Polónia reclamam a extradição de Makno; na Rússia prendem os revolucionarios, e tratam com os governos capitalistas. Por toda-a-parte fazem uma política reaccionária no mais alto grau.

A reacção chama-se fascismo na Itália, bolxevismo na Rússia; e na Alemanha é dirigida conjuntamente pelo fascismo e comunismo.

O perigo que corre o proletariado alemão é duma importância primordial. Se a classe trabalhadora não desmascarar os entrinços que se encobrem com o manto vermelho do comunismo, não somente a revolução estará perdida sem remissão, mas o desenvolvimento do movimento operário será inevitavelmente entravado.

O perigo antissemitista nacionalista negro, branco, vermelho não é somente a reccar na Alemanha. *Esta política é conduzida internacionalmente pela Internacional Comunista.*

O partido comunista alemão é nacionalista, antissemitista militarista, ditador. O proletariado revolucionário que quer libertar-se de todos os militarismos e edificar uma sociedade livre não deve deixar-se levar pelas belas palavras do partido comunista, e ficar passivo, mas, ao contrário, reagir energicamente contra a nova reacção vermelha. Será só pela ruína do partido comunista e aniquilamento da Internacional Comunista, que poderá triunfar a luta contra o fascismo.

TERESA BLANCHONG.

O sentido em que  
somos anarquistas  
por Miguel Bacunine

Um exemplar, \$30—Pelo correio \$40.

Descontos aos revendedores e Grupos de Propaganda.

Pedidos a esta administração ou à «Biblioteca de «A Sementeira»—Cais do Sodré, 88—Lisboa.»

## Caleidoscópico

### Os sem trabalho

Em 31 de agosto findo, as estações oficiais da Tchecoslováquia registavam 61.500 operários sem trabalho!

E na Inglaterra, o número dos sem trabalho, era, em 3 de setembro, de 1.233.300!

Estes números, juntos a outros que iremos publicando, servem para atestar o excelente funcionamento da sociedade capitalista: a par destes «miseráveis» que morrem de fome, porque a sociedade não lhes dá os meios precisos para poderem viver, revolve-se uma infinidade de nababos, a quem a mesma sociedade fornece tudo, incluindo a manja para arrebitarem de indigestão!

Mas que estúpidas coisas nós gramamos... Nós, é como quem diz—a massa que não se revolta... porque não quer.

### Economias! Economias!

A Comissão do orçamento da Sociedade das Nações resolveu, à semelhança dos ministros das Finanças portuguesas, entrar, a fundo, no campo das economias. E, assim, apresentou, pela boca do representante da França, uma proposta à assembleia geral para que essa redução atingisse, pelo menos, 20,6 por cento, sobre o orçamento geral da sociedade.

Alberto Tomás, o chefe socialista da secretaria internacional do trabalho, ergueu-se, e, com palavras *persuasivas*, mostrou, quantos sacrificios seria necessário suportar para um cabal desempenho da sua missão, caso não houvesse dinheiro. Por fim, tudo se compôz. De modo que, por enquanto, desapareceu o perigo dos nossos primos socialistas, empregados nesse organismo reaccionário dos Estados ligados contra o operariado consciente, estolrarem de fome.

Ainda bem!... Para se salvarem, pela milionésima vez, os principios que eles defendem: insultar os sindicalistas e, de preferência, os anarquistas, e encher o bandulho à custa das massas ignorantes e exploradas...

### Um plágio pio!

Faltando lhes a imaginação, eis que os nossos fabricantes de milagres se põem a pla-

giar Molière! Assim, contam-nos eles que, «na China, achando-se uma criancinha em estado desesperado, um chinês cristão pediu licença para a baptizar. Oh! surpresa! O pequenito, que há seis dias se encontrava entre a vida e a morte, logo que recebeu a *água-santa* abriu os olhos, fixou-os em sua mãe com um sorriso angélico que foi até ao fundo do coração materno, e expirou.»

Ora no *Don Juan*, acto III, scena I, lemos nós:

Sganarelle. (*falando do vinho emético*) — Os seus milagres converteram os espiritos mais incrédulos; e ainda não há três semanas, eu, que vos falo, vi um maravilhoso efeito d'ele.

Don Juan — ¿Qual foi?

Sganarelle. — Era um homem que estava na agonia, havia seis dias. Já ninguém sabia que mais lhe receltar, e nenhum remédio lhe fazia coisa alguma. Por fim, lembraram-se de lhe dar emético.

Don Juan. — Escapou, não?

Sganarelle. — Não escapou: morreu.

Don Juan. — O efeito é admirável.

Sganarelle. — Como! Havia seis dias inteiros que ele não podia morrer, e aquilo fê-lo morrer de repente. ¿Quereis coisa mais eficaz?

Don Juan. — Tens razão.»

Continuem, pois, os nossos contadores de milagres a folhear Molière: poderão, assim, encontrar outros modelos utilizáveis no género...

### Mussolinadelas...

Do *Quotidien*, diário que se publica em Paris:

«Mussolini, que quer violar o tratado de Rapallo, anunciou ao mundo que vai tomar a sua liberdade de acção.

«Liberdade de acção na bôca d'este malfeitor, representa isto: liberdade de banditismo.

«Depois da Grécia, ameaça a Yougo-Slavia.

«¿E a Europa? ¿Deixá-lo há ir até ao fim?»

Eis o que havemos de ver.

### Fecho alegre

Uns novos ricos que foram a Lourdes na *pelligrinação*, resolveram, na volta, visitar

Paris. Tendo passeado pelos *boulevards* e «admirado» tudo, adregaram de passar pela rua da Babilônia, onde o *cicerone* lhes chamou a atenção para a embaixada da república chinesa. Ao encararem com o prédio, dizem-lhe os novos ricos, cheios de pose:

— Ora aqui está o embaixador dum país, onde nós não veríamos descançados nem tranquilos.

— Não exagerem— diz o *cicerone*. Lá o que há frequentemente são movimentos políticos...

— Políticos?... Disseram-nos que eram sísmicos...

— Mas— tornou o *cicerone*— de que é que os senhores me falam?

— Ora essa! Do cataclismo? Do tremor de terra que matou muita gente.

— Mas isso não foi na China! Foi no Japão.

Um pouco feridos no seu orgulho de endinheirados, concluem, andando:

— O Japão ou a China... Nós julgávamos que era tudo a mesma coisa... Como ficam tam perto...

Queluz— M. P. Santos, 10\$00.

Setubal— S. S. Fonseca, 1\$00.

S. Braz de Alportel— J. Alves, 5\$00; A. M. Pinto, 2\$00.

S. Braz do Regedor— J. Alqueva, 4\$50.

Tomar— J. G. Costa, 1\$00.

Vale do Vargo— A. A. Pulquério, R. Sena, J. A. Santana, J. Bento, D. L. Godinho, J. R. Toucinho, J. J. Toucinho e F. B. Machado, 8 a 2\$00=16\$00.

Vila do Conde— E. J. Gavina, J. F. Almeida, J. G. Camisa, J. J. Teixeira, M. C. Machado, M. F. Cereja, M. L. Costa, M. R. Cruz, R. J. Ferreira, S. C. Oliveira, 10 a 1\$00=10\$00;

E. G. Saraiva, J. C. Ceia, M. G. Saraiva, 3 a 2\$00=6\$00;

M. A. Carmelita, 1\$40.

Vila Nova de Gaia— Alfredo P. Teixeira, 2\$00.

Angra— E. M. Sousa, 2\$50.

América— J. Jorge, 44\$80; M. Bernardo Pita, 12\$20.

Africa— J. Manaças, 11\$32.

Soma, 279\$67.

Cobrança pelo correio, 51\$38.

AGENTES E VENDA AVULSO

Porto:

A. B. Guimarães. . . . . 2\$80

Pombalino. . . . . 32\$00

Venda na redacção. . . . . 7\$00

Cobrança de Lisboa. . . . . 174\$00

Carvalhos:

A. Sanhudo. . . . . 5\$00

Póvoa:

A. Corrêa. . . . . 28\$00

Setubal:

A. F. Simões. . . . . 80\$00

Brazil:

Guerino Pelloia. . . . . 51\$00

J. Silva. . . . . 122\$00

R. Filipe. . . . . 100\$00

Soma. . . . . 602\$08

SUBSCRIÇÃO VOLUNTÁRIA

Porto:

J. B. Diniz. . . . . 1\$00

A. Loio. . . . . 1\$00

Alte:

J. P. Guerreiro. . . . . 6\$00

Benavilla:

J. D. Póvoa. . . . . \$40

Carvalhos:

J. Dias Baptista. . . . . \$50

V. S. Pereira. . . . . \$50

Evora:

José Alberto. . . . . 3\$00

Rio Tinto:

A. Castro Baptista. . . . . 50\$00

S. Braz de Alportel:

A. M. Pinto. . . . . 1\$00

Tomar:

Lista enviada por J. Gomes da Costa:

J. Gomes da Costa. . . . . 2\$00

António Paula. . . . . \$50

Jorge Godinho Silva. . . . . \$50

João A. Gala. . . . . \$50

Bruno G. Léria. . . . . \$50

Jorge. . . . . \$50

Alfredo Viana. . . . . \$25

A transportar. . . . . 67\$15

Transporte. . . . . 67\$15

Mário Prista. . . . . \$50

José Quica. . . . . \$50

Amílcar da Graça. . . . . \$50

Vale do Vargo:

Subscrição tirada pelo camarada Fiel Baptista Machado:

Joaquim Bento. . . . . \$50

Romão Sena. . . . . 1\$00

Jerónimo R. Toucinho. . . . . \$50

Jerónimo J. Toucinho. . . . . \$50

Domingos L. Godinho. . . . . \$50

J. Almeida Santana. . . . . \$50

Fiel Baptista Machado. . . . . 10\$50

Vila do Conde:

J. Gomes Camisa. . . . . 1\$00

Vila Meã:

A. Caetano Silveira. . . . . 1\$00

Brazil:

Subscrição tirada por Guerino Pelloia:

João Amendola. . . . . 5\$00

Virgílio Peçanha. . . . . 5\$00

Humberto Marotta. . . . . 5\$00

Alexandre Marotta. . . . . 10\$00

Virgílio Costa. . . . . 2\$00

Serafim Pereira. . . . . 5\$00

Damião Garcia. . . . . 3\$00

Joaquim de Oliveira. . . . . 3\$00

José Fernandes. . . . . 2\$00

António Gonçalves. . . . . 3\$00

José dos Santos. . . . . 3\$00

Joaquim Silva. . . . . 3\$00

Camargo. . . . . 10\$00

Américo Serri. . . . . 5\$00

José Casorini. . . . . 5\$00

Fulin. . . . . 5\$00

Roberto Pelegrini. . . . . 5\$00

Guerino Pelloia. . . . . 10\$00

América:

Carlos Silva. . . . . 44\$80

Manuel da Luz. . . . . 12\$20

Reinaldo Martins. . . . . 12\$20

M. Bernardo Pita. . . . . 12\$20

Soma. . . . . 256\$05

DESPEZA

Composição dos n.ºs

26, 27, 28 e 29. . . . . 720\$00

Impressão dos n.ºs

25, 26, 27, 28 e 29. . . . . 400\$09

Papel para os n.ºs

26, 27, 28, 29. . . . . 372\$07,5

Selos para a franquia postal, de recibo, e para cobrança. . . . . 201\$00

Aluguer. . . . . 20\$00

Carretos. . . . . 4\$00

Luz electrica (Agosto e setembro). . . . . 13\$40

Despesa com dois camaradas perseguidos. . . . . 17\$60

Deficit do mês anterior. . . . . 1.210\$09,5

Soma. . . . . 2.958\$17

RESUMO

Receita. . . . . 1.189\$18

Despesa. . . . . 2.958\$17

Deficit para o mês seguinte. . . . . 1.768\$99

## Secção de Livraria de "A COMUNA,"

(BIBLIOTÉCA DE «A COMUNA»)

### PREÇÁRIO DE LIVROS E FOLHETOS À VENDA

Acções de «A Batalha».	1\$00
A. GUERRA—O Proletariado Histórico.	\$75
A Las Consciências Honradas.	\$20
B. LUX—O Sindicalismo e os Intelectuais.	\$50
CHUECA—Como não ser Anarquista?	\$20
CONTENT—Contra o confusionalismo.	\$15
DELLAISI—Os Financieiros, os Políticos e a Guerra.	\$20
E. CHAPPELLIER—Porque não creio em Deus.	1\$00
E. SILVA—Teatro Livre e a Arte Social.	\$20
ETIEVANT—A Minha Defeza.	\$20
ETTOR—Unionismo Industrial.	\$30
FAURE—Doze Provas da Inexistência de Deus.	\$50
HAMON—A Crise do Socialismo.	\$40
J. C. SOUSA—A Propriedade Privada.	\$20

J. EBERT—Os I. W. W. na Teoria e na Prática.	2\$50
J. GUESDE—A Lei dos Salários.	\$25
KRAPOTKINE—A' Mocidade Idem—Bastidores das Guerras.	\$30
Idem—A Moral Anarquista.	\$15
LANDAUER—A Social D. na Alemanha.	\$30
MALATESTA—Entre camponeses.	\$10
MELLA—O Princípio do Fim.	\$30
NANSEN—A fome na Rússia.	\$10
N. VASCO—Concepção Anarquista do Sindicalismo.	\$30
RECLUS—A Evolução Legal e a Anarquia.	2\$00
VARIOS AUTORES: A Canalha.	\$30
A Maçonaria e o Proletariado (trad.).	\$30
A Novela Vermelha.	\$25
«La Vero» (revista).	\$10

Pedidos: "A COMUNA"  
Apartado, 17—Porto

"A BATALHA"  
C. do Combro, 38-A-2.º—Lisboa

## Conta corrente

(Mês de Setembro)

Importâncias recebidas directamente

Porto—Francisco Cunha, Joaquim Pacheco, Reboredo, A. A. Sá, J. B. Diniz, A. Leão, J. Garcia, A. Martins, F. Novais, Paiva, 10 a 2\$00=20\$00; P Martins, A. Loio, L. C. Peixoto, 3 a 4\$00=12\$00; A. Lima, F. Leão e R. Costa, 3 a 3\$00=9\$00; A. Pinto, 3\$40.

Lisboa—M. A. Silveira, M. Ramos, L. Oliveira, C. Ferreira, A. N. Canha, J. P. Santos, A. S. Macias, J. Fonseca, R. S. Monteiro, C. F. Santos, Adelinio Pires, D. Severino, D. M. Paiva, 13 a 2\$00=26\$00;

A. J. Almeida e J. Freitas, 2 a 4\$00=8\$00; F. Rafael, 5\$00. Alte—J. M. Palma e F. Candido, 2 a 2\$00=4\$00. Benavilla—J. D. Póvoa e A. L. Coelho, 2 a 2\$00=4\$00; J. D. Carrilho e L. J. Rato, 2 a 5\$00=10\$00; J. J. Rato, 3\$60. Carvalhos—J. D. Batista, 2\$00; V. S. Pereira, 3\$00. Covilhã—J. A. Neves, 5\$00. Espinho—H. F. Cleto, 2\$20; F. S. Silva, 2\$60. Evora—J. Alberto, 2\$00; E. Carvalho, 4\$00. Goiegã—J. P. Constantino, 1\$00. Gouveia (S. Paio)—M. Oliveira, 5\$00. Penafiel—M. G. Sousa, 2\$00. Pias—J. J. Sargento, J. Saloio, M. C. Corrêa, A. B. Borges e R. R. Galinhas, 5 a 2\$00=10\$00; A. P. Moita, 6\$15.